

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO
DIRETORES E PROPRIETARIOS: — Lyster Franco e João Pedro de Sousa

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco
Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão
Typografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANUNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

POLITICA NACIONAL

O programa politico do novo governo

Por ser um documento da mais alta significação politica, e em que passo a passo, transluz o mais acendrado amor a Patria e a Republica, julgamo-nos no dever indeclinavel de reproduzir nas colunas do *Heraldo* a declaração ministerial proferida pelo illustre presidente do actual ministerio, o iminente estadista dr. Afonso Costa, quando apresentou ás camaras do Governo da sua presidencia.

Eis o programa que, numa voz repleta de convicção, de sinceridade e de entusiasmo, o insigne politico leu perante o parlamento:

Politica nacional

Tendo o ministerio da presidencia do sr. dr. Duarte Leite Pereira da Silva dado por finda a sua missão, o sr. presidente da Republica, depois de outras diligencias e tentativas, dignou-se encarregar-me de constituir gabinete, o qual tenho a honra de apresentar ao parlamento.

Não obstante ser grave e difficil a situação que a Republica herdou, o governo procurará merecer do paiz a mais larga e pronta confiança, para poder atacar de frente os problemas que carecem de immediata resolução, e assim a sua politica inspirar-se-ha nos mais lidimos interesses nacionaes. D'esta sorte—embora o governo haja saído apenas de uma parte do Congresso—a sua acção procurará exercer-se de modo a não suscitar estereis atritos e apaixonadas pugnas parlamentares, tendo a peito a realização de uma obra que na sua essencia, poderia ser inscrita no programa de um ministerio de plena concentração republicana.

E, todavia, uma tal situação definida e franca, oferece campo aberto a todos os debates que, orientados em são criterio moral politico e nacional, possam concorrer vantajosamente para esclarecer e acertar os negocios do paiz, para se efetivar a indispensavel fiscalisação parlamentar e ainda para terem mais idonea solução aquellas questões em que a paixão patriótica ou a emulação elevada das discussões concorrem para o seu mais amplo estudo e aperfeiçoamento.

Para isso o governo, fortalecido pela profunda confiança Publica de que bem corresponderá ás exigencias do programa do partido republicano e ás selenes e conscientes promessas dos tempos da propaganda, dará á sua acção um caracter essencialmente nacional, libertando-a de exclusivismos e esperando e aceitando a colaboração de todos os bons portuguezes para o engrandecimento da Patria e da Republica.

Tendo como primordial necessidade o urgente saneamento da organização burocratica que a Republica recebeu do extinto regime, o governo procurará como norma permanente de administração fomentar a morigeración em todos os serviços publicos, e, para isso, propõe-se avocar, sem demora, o resultado de todos os inqueritos e sindicancias já realizados em diversas repartições, para depois proceder na conformidade das leis, dos regulamentos e dos ditames da moral e da defeza das instituições, sempre que se encontre em face de delicto ou de irregularidade punivel, e ordenará outros inqueritos que acaso se mostrem necessarios.

Portugal que, felizmente, durante a Republica tem mantido com todas as potencias as melhores relações, recebendo d'elas provas constantes de consideração e estima, seguirá a sua tradicional politica exterior, lealmente apoiada na secular aliança britanica, e, com prazer, aproveitará todas as oportunidades para ainda estreitar os laços de intima amizade que o prendem á Republica Brasileira.

O problema financeiro

Tem o governo deante de si quatro dias sómente do prazo marcado para ser entregue á discussão do parlamento o orçamento

geral do Estado, faltando-lhe ainda organizar o orçamento do ministerio do interior e rever o de todos os outros ministerios com excepção do das finanças.

Tal afirmação é, por si, sufficiente para justificar que o governo, obedecendo rigorosamente ao preceito constitucional, perfilhe o trabalho executado pelo illustre ministro das finanças do governo que o antecedeu, esforçando-se, em colaboração com o parlamento e suas comissões, porque comece a realizar-se o principio do equilibrio orçamental, base essencial da politica financeira do governo, por o ser do credito do paiz.

N'este proposito, trabalhará na organização definitiva do orçamento, e apresentará ás camaras legislativas projetos fazendarios destinados a que, com este ou com outro governo, no futuro ano orçamental se possa cumprir tal desideratum com sacrificio publico, sim, mas com equidade, sem excessos, e não determinando a desorganisação de forças economicas nem de serviços uteis. O governo também cuidará de estabelecer a unidade orçamental para todo o territorio da Republica, sem prejuizo da possível autonomia financeira de cada colonia.

O novo ministro das finanças aceita, quanto aos intuitos genericos de beneficiação da fazenda publica, as propostas que o patriotismo e espirito de verdade inspiraram ao seu antecessor, e colaborará no aperfeiçoamento e votação de algumas d'elas, instando desde já pela conversão urgente em lei da Republica da proposta sobre a contribuição predial.

De sua iniciativa, o governo apresentará brevemente projetos sobre as contribuições de registo, industrial, selo e revisão postal. E outros se seguirão, todos em obediencia a um plano que será oportunamente formulado.

No que diz respeito á fiscalisação das sociedades anonimas, o governo acabará com a interferencia, reputada vexatoria, do Estado em tão importantes instituições de economia particular, propondo a reorganisação d'este serviço em bases proficuas, economicas para o tesouro e aproximadas das da legislação ingleza sobre o assunto.

Os diplomas sobre arrendamento serão pelo governo codificados, propondo ao parlamento os aperfeiçoamentos de que careçam e generalizando a sua applicação a todo o paiz como legislação protetora dos legitimos direitos dos proprietarios e inquilinos, e defensora dos interesses vitaes do tesouro.

No mais breve espaço possível, apresentará ainda o governo á camara um projeto de reforma e simplificação da contabilidade do Estado.

A instrução publica Eleições

Para beneficiação dos serviços publicos, e para se preparar por uma solida educação nacional o futuro da Republica, o governo insiste na necessidade da criação immediata do ministerio da instrução, que pode e deve operar-se com minimo encargo para o Estado. Exprime também o voto de que o parlamento o habilite o mais depressa possível a democratizar o paiz pela execução do Código Administrativo, realisando-se as eleições dos corpos respetivos, visto que vão passadas as razões que ainda há mezes as contraditavam formalmente. Para a realização deste proposito, o governo colaborará com o senado no aperfeiçoamento do projeto do Código Administrativo e com a camara dos deputados no da lei eleitoral.

Ajuda pelo ministerio do interior será formulado o projeto de lei organica da policia de Lisboa, no que diz respeito a segurança e investigação. Não esquecerá o governo que o problema da assistência sanitaria é em Portugal daqueles que mais reclamam do Estado o seu cuidado para valorisação e amparo da importante actividade municipalista e corporativa e da benemerencia particular.

O governo aceita, perfilhe e deseja ver votada o mais rapidamente possível a lei da

responsabilidade ministerial, sujeita á apreciação do parlamento, prometendo contribuir para o melhoramento dessa lei indispensavel para satisfação de publicos compromissos da Republica e afirmação de moral politica.

As leis relativas á igreja serão executadas taes quaes são, instando, porém o governo porque a da separação do Estado das igrejas seja posta desde já em ordem de dia para a sua ampla discussão parlamentar.

O projeto de modificação á lei penal, apresentado pelo illustre ministro da justiça transito, sendo também harmonico com o pensar deste governo, precisa de breve solução da parte do parlamento. Ao mesmo tempo o ministro da justiça trabalhará nos projetos que vai apresentar sobre a organização judiciaria e a Ordem dos advogados.

Pelo ministerio da guerra continuar-se-ha a realização e execução da reforma do exercito, decretada pelo governo provisório. Procurar-se-ha, sobretudo, acentuar a disciplina e preparar e adextrar officiaes e soldados para que, logo que as condições financeiras o permitam, seja devidamente completado o plano de organização de defeza nacional; sobre o projeto relativo aos tribunaes militares, o governo exprime o seu voto desejando que a camara o habilite com condições para terminarem brevemente os julgamentos que aos mesmos tribunaes estão afetos.

Pelo ministerio da marinha será apresentado o plano da reorganisação geral da armada, fazendo neste ramo de serviço tudo quanto for possível para que a marinha portugueza, fiel ás suas honrosas tradições, possua em breve um numero de officiaes e marinheiros sufficientes e devidamente especialisados para poderem satisfazer ás crescentes exigencias que a esquadra projetada, e em começo de execução, vem crear.

Reorganisação do trabalho industrial e agricola—Administração colonial

Pelo ministerio do fomento propõe-se o governo reorganizar o trabalho industrial e agricola por meio de uma divisão de disposições relativas a novas industrias; auxiliar o comercio de exportação sob todas as formas compatíveis com os recursos do tesouro publico; completar a organização dos serviços tendentes ao melhoramento e aproveitamento das correntes de agua do paiz; regulamentar e fazer executar o decreto de 22 de março de 1911, sobre a dragagem, e desenvolver a construção de estradas e outras vias de comunicação.

Estudará também o problema do barateamento das subsistencias, a applicação de leis sociaes ás diversas formas da actividade economica, defendendo e valorizando a força do trabalho, e cuidará do desenvolvimento progressivo da industria mineira, a par do incremento das demais industrias.

Pelo que respeita ás colonias, o governo, inspirando-se no salutar preceito do artigo 67.º da Constituição, submeterá á apresentação do Congresso projetos tendentes a dar a cada provincia ultramarina uma verdadeira individualidade juridica, com a possível autonomia financeira e administrativa, de acordo com o estado de adiantamento de cada uma d'elas.

Procurará promover, dos recursos de cada colonia, o maximo aproveitamento das suas comunicações maritimas e fluviaes, o avanço de estradas e caminhos de ferro e portos, como o exigem por igual a bem fundada afirmação da nossa soberania, o fomento e o aproveitamento das riquezas nativas. Estudará a maneira de aplicar ás populações colonias os beneficios de algumas das leis já promulgadas sob o regimen republicano, designadamente das leis da separação e do registo civil, cuja adaptação ao ultramar vai, pelo respetivo ministro, ser cuidada com urgencia e ponderação.

Tal é, em suas linhas geraes, o programa que o governo se propõe efetivar. Ao apresentá-lo não o move o doentio prurido de deslumbração a expectativa nacional com fantasias irrealisaveis. Anima-o um espirito de refletida decisão e a energia precisa para integralmente o cumprir. A realização de uma tal obra requer o indispensavel e dedicado concurso de quantos sinceramente

ambicionam o engrandecimento da Republica.

De todos esses, o governo confiadamente espera uma leal colaboração, o esforço, o trabalho, a boa vontade de todos, o paiz os apreciará e, em nome dele, o governo, forte pela consciencia da sua inquebrantavel dedicación á Republica, tranquilamente aguarda o seu julgamento, com a quieta serenidade daqueles que não trepidam jámais no cumprimento do dever.

Este programa, que causou em toda a assistencia a mais funda impressão de agrado, conquistou desde logo para o governo as sympathias da opinião publica em todo o paiz.

De todas as localidades teem sido dirigidas ao sr. dr. Afonso Costa as mais entusiasticas saudações, que registamos com prazer, convencidos como estamos de que o regimen tem finalmente a defende-lo um governo inspirado nos mais puros principios da Democracia e que está assegurado o prestigio da Republica.

CAÑCIONEIRO DO POVO

Por mais que o loureiro cresça,
Ao céu não pode chegar;
Por mais amores que eu tenha,
A ti não te hei de deixar.

Não se me dá de ter cruz,
Tendo o Calvario ao pé;
Não se me dá de pensar,
Sabendo eu por quem é.

Aqui estou á tua porta,
Como o feixinho da lenha,
A' espera da resposta
Que dos teus olhos me venha.

NOTAS E COMENTARIOS

«A mocidade»

Eis como esta bem rigidida e interessante revista regista nas suas colunas a publicação de um artigo firmado pelo nosso illustre diretor, sr. Lyster Franco:

«Honra hoje as colunas d'«A Mocidade», com um não só brilhante como altamente educativo artigo, este nosso amigo e prezado colega do bi-semanario faranese *O Heraldo*.

Queriamos aqui pôr em destaque os altos meritos deste illustre amigo da instrução, mas achamos isso desnecessario, porque todos, certamente, já o conhecem pelos seus livros e artigos.

Só nos cumpre, então, agradecer a Lyster Franco as amabilidades que dispensa ao progresso e engrandecimento da nossa revista.»

Transcrevendo no *Heraldo* estas imerecidas referencias de boa camaradagem e sincera estima, apenas diremos *A Mocidade* que nos penhoram sobremaneira as suas palavras, e muito lh'as agradecemos, renovando-lhe os nossos protestos de leal amizade, como sempre usamos manter para com todos aqueles que nos dispensam a sua estima e nos cativam com a sua delicadeza.»

«O inverno»

Honra-se hoje o nosso jornal reproduzindo o artigo *O inverno*, firmado pelo grande poeta Guerra Junqueiro.

Verdadeiro mimo literario, recomendamos-lo á atenção dos nossos estimados leitores, não só pelo brilho da forma, mas também pelos elevados conceitos que encerra.

«O arguelro»

Palavras do organ da Rua do Compromisso, numa critica á reforma dos correios, que, diga-se em abono da verdade, não é das coisas mais lindas:

«Ora se o sr. Antonio Maria da Silva (chefe dos independentes) quer ser ministro para dar á luz abortos desta natureza, melhor é retirar-se á vida privada do que ser chefe do partido independente e ministro.»

«O conselho é de amigo e colhido de exemplo de casa.»

Foi assim que procedeu Santo Antonio José de Almeida ao reconhecer a impossibilidade de fingir-se chefe de um partido sem . . . partidarios.

Todavia, dada a *ex-independencia* da gazeta dos *gógós*, não deixa de causar-nos uma certa surpresa a forma porque eles se atiram ás abas da casaca do sr. ministro do fomento.

Querem ver que sua ex.ª não os despachou bofeteados como eles tanto pedincharam?

«O Livre Pensamento»

Saudamos pelo seu aniversario este nosso prezado colega lisboense.

Kropotkine

Acerca deste grande benemerito da humanidade, que tem consagrado toda a luz da sua fulgurantissima intelligencia á propagação do bem geral, escreve o nosso esclarecido colega *O Sindicalista*:

«Por informações recebidas de Londres, de Tarrida del Marmol, Kropotkine aceitará naturalmente o convite feito pelos anarquistas portuguezes.

Não se trata da chegada dum idolo, mas dum homem que a todos se impõe, sem distincções de orientação, pela sua vida, pelo seu proceder. Vem até nós descançar, restabelecer a sua abalada saude no cumprimento de prescrições medicas.

Bom será, portanto, que, em terra como esta de manifestações a proposito de tudo, se não suponha Kropotkine trunfo politico e se não espere com musica e alentado vivorio.

Acolhê-lo com a estima e dedicación que merece, não será de forma alguma confundido com qualquer nulo cabecilha politico. E' preciso tento!»

Clumes

O jornal da rua do Compromisso não pode levar á paciencia que tenhamos as mais cordiaes relações com os nossos prezados colegas da imprensa e especialmente com a *Alma Algarvia*, e a proposito borda considerações em que a primeira extravasa que nem de um odre de fel arrebatado.

E' bem certo que não ha odio peor que o de sacristão!
Safa!

Movimento politico

A' hora em que escrevemos nada de positivo podemos transmitir aos nossos prezados correligionarios acerca da nomeação do novo chefe do distrito.

Parece que os deputados independentes, que representam no parlamento a nossa provincia, lutam com afino para que seja nomeado um governador civil da sua feição.

Para contrabalançar esta má politica, cujo egoismo nos dispensamos de comentar neste momento, cumpre-nos acentuar que a opinião republicana exige a nomeação de um governador civil democratico e indica quasi unanimemente o nome do nosso querido companheiro de trabalhos e canceiras, sr. dr. João Pedro de Sousa.

Tempo ao tempo e . . . o que fôr soará. —A fim de conferenciarem com o nosso prezado diretor, sr. Lyster Franco, estiveram na segunda-feira em Faro os srs. José Gilberto Madeira e José Eusebio Dias Teixeira, nossos dedicados amigos e prestimosos correligionarios do Azinhah.

Tambem se avistaram com o nosso diretor os srs. Joaquim José Ramires, José Mendes Pinto, Manuel Rodrigues Corvo e Bernardo Pereira Brito, nossos prezados correligionarios, respectivamente de Olhão, Santa Barbara de Nexe e Estoi.

—Para trocar impressões acerca da orientação politica partidaria, tambem esteve conferenciando hontem com o sr. Lyster Franco o sr. João Viegas Calçada, nosso prezado correligionario de S. Braz de Alportel e dignissimo presidente do Centro Republicano Democratico «Dr. Afonso Costa», d'aquella localidade.

—Continuam afluindo á nossa redação felicitações de todos os pontos da provincia, em que os verdadeiros e sinceros democratas se congratulam connosco pela formação do gabinete Afonso Costa.

MAIS NOTAS E COMENTARIOS

Damão de Góes

Entrou no 28.º ano da sua existência este nosso bem rigidido colega, que se publica em Alemquer e que, comemorando o seu anniversario, mimoseou os seus leitores com um numero de especial merecimento.

Delirando

Os Gógos ali da gazeta da Rua do Compromisso, não sabendo já de que forma podem defender os seus venerandos corpinhos das afinetadas da nossa ironia, clamam, á laia de Madalenas arrependidas, que lhe votamos a eles, aos jovens-velhos squalos bacharelzoides vermelhuscos, aos mesmos que nunca pediram empregos, mas que por obra e graça do Espirito Santo appareceram nomeados para logares de varias categorias e funções, um extranhado odio!

Ora valha-os S. Antonio José, que é santinho muito da sua devoção.

Se os Gógos pensassem um pouco, antes de despejarem sobre nós os Anos sachets da sua verve, certamente não chegariam ás conclusões tremendas e espantosissimas a que chegaram.

Sim, porque, como não ofende quem quer, a verdade é que nem sequer ainda nos occupámos a estudar-lhes a idiosincracia patusca...

Camara Municipal

Recebemos desta coletividade a seguinte communicação que muito gostosamente registamos nas colunas do nosso jornal:

Cidadão Redator do Herald:

Havendo a Camara Municipal de Faro fechada as contas da sua gerencia de 1912 com um saldo em cofre de 954.750 réis (dinheiro), tenho a honra de convidar v. ex.ª a vir examinar as mesmas e de solicitar-lhe a fineza de fazer constar pelo jornal, de que é digno diretor, que essas contas serão facultadas a qualquer municipio que desejar conhece-las e aprecia-las.

Saude e fraternidade.

Faro, 9 de janeiro de 1913.

O Vice-presidente, servindo de presidente, Paulo da Silva Pinto.

O bom juiz

Certos plumiativos de vão de escada, desses que apparecem ahí aos montões como os excessos de naturalismo com que a rapaziada incivil costuma adornar as ruas,—lembraram-se de espalhar por ahí que o Partido Republicano Portuguez ia fazer uma polica de perseguições e vexames, dimitindo e fazendo syndicar quantos funcionarios lhe não fossem afetos.

Indigna tanto disparate! Como, porem, não faltam ingenuos que acreditam em taes patranhas, cumpre-nos desmentir tal boato que representa mais uma calunia levantada contra o prestigio do illustre estadista dr. Afonso Costa e dos seus amigos politicos.

Processos Jesuiticos

Numa gazeta citadina, que em todos os seus numeros faz um reclame soberbo á adegá do Alinhó—afirma-se com o desplante e a sem vergonha, que caracterizam os inconscientes, que O Herald pela sua feição aggressiva e tal etc,—tem tido conflitos com todos os colegas da provincia.

Toda a gente sabe que o carapetão é de marca maior e por isso nem nos occupamos a desmentilo.

De resto, ha uns taes ou quaes visos de verdade nas afirmativas dos Gógos...

Se escrevessem provincia com P grande tinham dado no vinte... assim erraram a alvo.

Engano de alma

Gógó, na sua febre de intrigar, insinua que nem sempre O Herald, de Tavira e a Alma Algarvia estiveram em boas relações.

E' verdade. Mas que temos nós com isso?

Ninguém está livre de qualquer D. Basilio, branco ou preto, com ou sem batina, se lembre de intrigar os parceiros.

Mas... as nuvens negras passam, como hade passar ao periodico dos Gógos o mau sêntro de implicar com quem não vae á missa lá na sua capelinha politica.

O Herald, de Tavira, só tem de comum com O Herald, de Faro, o nome, que os seus directores, Lyster Franco e dr. João Pedro de Sousa, aproveitaram por estar já lançado, visto lhes ter dado para ahí e emitarem desse modo os assacristanados evolucionistas da gazeta, que baptisaram o seu excelso periodico com o nome de um dos mais assanhados jornaes franquistas que existiram no paiz: O Sul.

JOÃO PEDRO DE SOUSA
ADVOGADO
ESCRITORIOS
Morada—R. do Pé da Cruz, 16
FARO

PUBLICULTURA

Como se cria uma creança

A POSIÇÃO DO BERÇO

VI

Não é indiferente—e devem sabe-lo as mães—a posição que deve ter na alcova o berço.

Na alcova? Que erro! Nem para os adultos nem para as creanças são convenientes as alcovas, quer dizer, quartos sem luz nem ventilação directa, que a recebem por uma porta que deita para outro gabinete e algumas vezes por simples postigos. Não durmam nunca em semelhantes quartos, e sobretudo nunca n'elles ponham o berço.

A camita das creanças, que nunca deve ser de baloiço, deve ser colocada de modo que reciba o ar que vem das bandeiras das janelas, que devem estar entreabertas porque evitam a viciação da atmosfera.

E' perigoso para a vista da creança que a luz a impressione dos lados ou por detrás, porque como o girasol que se vira sempre para o lado do sol, a vista das creanças volve-se sempre para o lado de onde vem a luz.

Tendo que voltar os olhos para os lados ou para traz arriscam-se as creanças a entortar a vista, ou, forçando a cabeça, arriscam-se a que lhes sobrevenha um torsiçolo.

A luz deve-lhe vir da frente, isto é, o berço deve estar com os pés para a lado d'onde vem a luz. E' a melhor posição visto que difficil é poder pôr o berço em quartos que tenham uma claraboia que lance a luz verticalmente sobre a creança.

Isto teria a vantagem de evitar que a creança tomasse uma posição forçada para conseguir ver o que ellas tanto procuram sempre: a luz. São raros, rarissimos porem os quartos de claraboia e portanto sigamos o sistema de procurar do mal o menos.

A luz nunca deve ser muito forte e devemos evitar que a luz intensa do sol batendo directamente na vidraça impressione fortemente a vista da creança.

Tambem não convem que n'um quarto onde esteja uma creança,—é claro que nos referimos a creanças de mezes—o sol entre a jorros, iluminando intensamente uma parte do aposento e deixando o resto n'uma meia escuridão. Para isso convem que os quartos onde o sol bate de chapa tenham cortinas.

Note-se que devemos evitar a entrada do sol num quarto quando nele esteja uma creança, mas desde que ella mude para outro aposento deve-se deixar entrar bem o sol e o ar, porque, se o ar é excelente para a saude, o sol como que purifica a atmosfera, expulsando todos os microbios.

E' por isso que são mais higienicas as casas batidas pelo sol.

CELESTE

Tudo na minha vida ia acabando: Essas flores ideias da fantasia iam se, lentamente, desfinhando,

E a minha alma tristissima e sombria Começava a não ver no seu futuro Um unico vislumbre de alegria!

Porém, na tela d'esse fundo escuro, Eu vi surgir a imagem luminosa D'esse teu rosto celestial e puro,

E,—como se existisse alguma rosa Dentro d'este meu peito,—eu vi então Abrir-se, novamente, á luz radiosa

O meu triste e oprimido coração! E tu, meu casto lirio immaculado, Conseguiste tornar em um vulcão

O meu peito já quasi erre gelado... Bendita sejas tu, alva cecem, Que deste ao meu viver angustiado

Esse santo farol que todos tem, E que eu tinha perdido em pequenino Por ter perdido o amor de minha Mãe!

Como tu conseguiste que o destino Possesse debuxar na sua tela A luz do teu perfil correto e fino!

E' que tens n'essa fronte, alma singela, Um não sei que de santo e de celeste Como o pallido brilho de uma estrela:

E assim, foi quando tu me appareceste Que essas nuvens sombrias da desgraça Fugiram ao roçar a tua veste.

Bem como a noite escura foge e passa, Ao ver surgir a luz do sol fulgente Entre nuvens finissimas de cassa...

És tão bela e gentil, ó flor tremente, —Rosa cahida dos jardins da Empíreo,— Como a gota de orvalho transparente

Engastada no peito de algum lirio! O que eu sinto por ti, não é amor: O que eu sinto por ti, é um delírio!

Gosto imenso de ver-te, ó minha flor, A cozer á janela ou encostada N'essa mãosinha ideal, que é um primor;

Mas de manhã, se estás despenteada, Fico louco se vejo, ó meu tesouro A tua fronte bela encaxilhada

Nas espiraes do teu esbelo loiro, Que te caem depois até ao chão Em catadupa ideal de fios de ouro!...

Ao ver-te assim, eu julgo uma visão A luz d'esse teu rosto peregrino, E, se penso que és minha, eu digo então:

Bendito sejas tu, lirio divino, Que me deste esse amor que todos tem, E que eu tinha perdido em pequenino Por ter perdido o amor de minha Mãe!...

ÊÇA DE ALMEIDA.

CONTOS E NOVELAS

Milagre...?

Carta a Mademoiselle...

Mademoiselle:

Diz-se que já não ha milagres, que nunca os houve, e que as narrações poeticas conhecidas, sob tal nome não são de fantasias alindadas pela imaginação ardente de quem as inventou.

Não falta quem, desempoeirando velhos agiologios, se ocupe a contestar essas ingenuas ficções, que entretecem de poesia a vida lendaria dos santos.

Não ha milagres?

Não ha. E' positivo, é terminante. Que não existem e que jamais existiram, que não se praticam e que jamais foram praticados, demonstra-o a Ciencia rasgando a cada momento, com o seu facho luminoso e fulgurante, as densas trevas da ignorancia e erguendo um indestrutivel pedestal á Verdade no logar em que tripudiava o erro.

Não ha milagres?

Não! Não ha.

Pois bem: apesar de todas as opiniões, de todos os pareceres em contrario; apesar das minhas proprias convicções intimas a tal respeito; apesar de todo o meu racionalismo, já tantas vezes e por tão diversas formas exteriorisado; consinta, Mademoiselle, que, muito confidencialmente, lhe confesse que admito, mais ainda, que acredito na possibilidade dos milagres.

Admira-se? Dejeja talvez saber a razão do meu pensar e a origem remota desta minha convicção aparentemente tão contraditoria com o meu modo de pensar?...

Advinho que, ao ler esta minha singela confissão, em seus labios florescerá um lindo sorriso de descrença.

Permita-me todavia, que, confiado na sua muita indulgencia e na excessiva bondade do seu coração, eu lhe exponha as razões, que modificaram as minhas ideias sobre tão importante assunto.

Consente?

Se me promete indulgencia plenaria, leia então a desataviada prosa a seguir:

Ali, sobre o marmore da estante do meu gabinete de trabalho, dentro de umas jarras de faiança alemã, dormem aqueles lindos ramos de «marisma», tão galantemente colhidos pelas suas mãos, mademoiselle.

Apezar de saudosas das virações frescas da tarde, e das ardençias do sol, que durante todo o dia as acariciava, aquelas lindas folhas ainda nada perderam da sua graça e ostentam toda a exuberancia do seu fino colorido.

Altivos, erguem as suas hastes orladas de folhas monstruosas, articuladas e vermiformes, aqueles ramos cuja flutuação no espaço sugere a quem os vê, fantasiosas visões de aquario.

Ha no seu conjunto um efeito que não sei definir, que não consigo exteriorisar; nem admira que tal aconteça, porquanto, não sou capaz de fitar aqueles ramos, cujas folhas tanto me lembram a grenha fulva, ignea, de alguma divindade marinha, sem que em meu espirito revivam, maravilhosamente inundados por uma luz que me deslumbra, todos esses pequeninos nadas que constituem a evocação do momento saudoso em que foram colhidos.

E' que as interessantes folhas daqueles ramos possuem uma cor de um acarmindado veludineo que,—nem eu sei porquê,—me recorda incessantemente o tom fresco dos seus labios, Mademoiselle; é que existe na linha graciosa daquelles hastas uma perfeita evocação as curvas ritmicas do seu vulto gentil, esbeto, de Mulher Flor!...

Pintadas no bojo das jarras, brilham cenas de Wateau enquadrando na sua paizagem convencional lindos vultos de pastorinhas, que sorriem amorosamente para os enamorados fidalgos que as contemplam.

Cenas de uma simplicidade tocante, encantam, prendem-me o espirito por um momento—tal qual tantas vezes me succede perante a visão alada de qualquer faleira luminosa ou sob a influencia do som longinquo de alguma canção distante, desas que só as aguas, o vento e as arvores sabem cantar eternamente...

Como são felizes aqueles garbosos fidalgos, vivendo a sua vida irreel, na contemplação constante das suas amadas pastorinhas, dessas gentis beldades, de colos diafanos e gestos de princeza, que lhes sorriem durante toda a sua existencia efemera como um relampago ou eterna como um deus!

A «marisma»...

Nem sei contar-lhe, mademoiselle, a diversidade de cenas e aspetos que ellas me sugerem ao espirito!

Por vezes,—tal é a força do pensamento!—fitando-as, como que surge a meus olhos toda a vasta planicie em que ellas cresciam ao ar livre, sob a poalha doirada dos raios solares...

Vejo-as, orlando o atalho da restinga,

que conduz á sua vivenda, Mademoiselle, e,—fenomeno estranho!—vou surpreendê-la, sorridente, linda como então, um lindo sorriso a iluminar-lhe o rosto,—na faina de colhe-las, de colher muitas para formar um grande ramo, onde todas as variedades ficassem largamente representadas,—ramo que, depois, repetindo a sua dadiiva, me daria tambem...

Ilusão? Reminiscencia? Um pouco destas duas emoções.

Que quer? Não posso esquecer, não esquecerei nunca que num dia cheio de sol é que foram colhidas as que a sua generosidade me ofertou.

Lembro-me bem, muito bem, de que o ceo era de um azul purissimo e de que as aguas da ria, quietas como a de um lago, refletiam com uma limpidez de espelho toda a paizagem circundante.

Já lá vae tanto tempo e parece-me ainda que tudo foi hontem, que foi ha pouco!

E' que os ramos estão ainda tão vivos como se tivessem sido colhidos agora mesmo.

Sabe? Até chega a parecer-me que ao colhe-las, a sua mão de fada dotou-as de uma vida eterna, dando-lhes uma parcela da graça florida das suas ridentes primaveras...

Quanto tempo durarão ellas, as lindas folhas de coral?

Se fossem rosas, se fossem flores aristocraticas, dessas que vicejam nos jardins, ha quanto tempo ellas seriam pó!

Assim, verdadeiras florações cristalinas, ellas—singela recordação de umas horas felizes,—parecem querer perpetuar na minha lembrança a gratidão que lhe devo, Mademoiselle, pela sua gentileza, mimoseando-me com taes ramos, num lindo gesto de amizade, que eternamente relembraei...

A minha nova crença nos milagres—veja a loucura, Mademoiselle!—está em que, para mim, os ramos de «marisma» transformaram-se desde então em... «muitas saudades!»

Lyster Franco.

Uma carta

Do sr. Eurico de Campos, nosso prezado colega do Socialista, recebemos a seguinte carta:

Meus amigos e colegas.

«Da vossa gentileza espero a publicação no Herald da carta que envio ao sr. Bernardo de S. Braz de Alportel. Muito grato se confessa o amigo e colega.

Eurico de Campos.

Ilustre Bernardo:

Mão amiga me enviou a sua folha que pomposamente se intitula Ecos do Sul e onde sob a epigrafe de—Restos do comicio—vejo uma nota que me poderia ferir se viesse d'outra fonte e não do órgão dos bernardos.

Você, Bernardo, perden uma ótima occasião de estar calado e veiu demonstrar que os seus processos de combate são eguaes aos que usam os fadistas da Mouraria que covardemente anavaham pelas costas. E quando além, em S. Braz d'Alportel, na occasião em que você mais dois bernardos, pela arruaça pretenderam desmanchar o comicio e pelo insulto pretenderam ferir um illustre republicano, o povo premiou-lhes a façanha, fazendo uma estrondosa e quente manifestação de simpatia ao dr. João Pedro de Sousa. E, então, vi você, Bernardo e outros dois bernardos, quais famintos rafeiros, meterem o rabinho entre as pernas e calarem-se; e, n'essa occasião, confesso, tive dó de vocês e senti nojo dos seus processos.

E agora que você me anavahou, eu sinto por você uma grande admiração, e para mim você é um grande Bernardo.

Creia, Bernardo amigo, você ha-de ir longe. No seu sueltó demonstra extraordinarias aptidões para manejar uma navalha e uma grande facilidade na mentira.

São qualidades essenciaes para subir. Continue Bernardo, e á falta de assunto, insulte-me a mim, pois fazendo-me reclame é grande favor que me presta.

Posso assegurar-lhe que nada me fere e que na minha longa vida jornalística, muitos bernardos têm cuspidos sandices sobre mim, seguros de que eu não sujo as mãos arrancando-lhes as orelhas.

Aqueles que assistiram ao comicio, sabem que você, Bernardo, está mentindo, e aqueles que pessoalmente me conhecem colocam-me muito acima de qualquer Bernardo. E por isso que não ha bernardice, nem celoricada que possa maguar-me, e ante as arremetidas cobardes en riu-me.

Você, Bernardo, está fulo! Numa carta que eu vi, você havia recebido ordens do patrão para impedir o comicio, e antes d'este começou você a pretender afastar o povo dizendo que, caso o comicio se realizasse o sr. Celorico Gil e o seu partido votaria nas camaras contra a criação do de-sejado concelho de São Braz de Alportel.

Tambem o sr. Rosa Beatriz, que em São Braz é evolucionista e que em Lisboa se diz democratico, me pediu para não se realisar o comicio alegando eguaes razões.

Ora, no comicio, eu apenas desfiz a lenda do poderio celorico-evolucionista. Confesso, pois, que é por isso que me enxovalham. Foram apenas verdades que eu disse, e você, Bernardo, não tendo tido a coragem de me desmentir nem o podendo fazer, limitou-se a fazer correr que eu havia bebido de mais...

Mas, Bernardo amigo, se tu, não mentes, e se, na verdade eu estava no estado que dizes, tu, grande Bernardo, vens confirmar o velho proverbio latino in vino veritas... E isso seria então a prova provada de que tudo quanto disse vos fez mal. E se assim é, dou-te um conselho Bernardo: mites de escraves bebe, bebe muito, para dizeses a verdade e aconselha o patrão a fazer o mesmo antes de falar... E agora por aqui me flico.

Adeus, Bernardo.

Lisboa 8-1-913,

Eurico de Campos.

O inverno

Chegou o inverno. Veiu magro, friorento, envergamento, a cavallo n'esse corcel en-diabrado—o Nordeste.

As arvores nuas, esqueléticas, parece que as puzeram ás avessas—com as raizes para o ar.

Os grandes montes escaldados preparam-se para um longo sono de tres mezes, enfiando na cabeça, ate ás orelhas, os seus barretes de dormir.

As ruas apparecem alcatifadas, de quando em quando, de uma lama pegajosa, viscosa—verdadeiramente britanica. Sebo amassado em neveiro!

Caem uma chuvinha miuda, pertinaz, impertinente—o spleen é o tedio reduzido a orvalho.

Sob um ceo de papel pardo desabrocham aos milhares, como tortulhos negros, os guarda-chuvas burocraticos.

O clima tem mais influencia sobre a sociedade do que todos os codigos, todas as leis, todas as maximas e todas as cartilhas.

Quantos vicios, quantos crimes, quantas abjeções, quantas ignominias não dependem exclusivamente d'este fato simplicissimo: marcar o termometro dois graos abaixo de zero, como em Londres, ou vinte graos acima de zero, como em Napoles! Sob a curva harmoniosa do belo ceo napolitano, todas as existencias são eguaes: o azul reflete-se nas almas, e o sol é o oiro da miseria.

Qual é o homem mais rico d'este mundo? Rotschild? Não. O lazaronc. Os seus andrajos não são andrajos: são ornamentos pitorescos. Tres metros de estopa, dez horas de sol e um prato de macarrão—eis a felicidade; mais que a felicidade, a gloria, a plenitude, a beatidão! Que inveja terá ele á farda de um ministro ou ao manto de um principe? Tomara o bom, o independente lazaronc que lhe deixassem trocar a sua camisola por uma simples folha de parreira! Veste-se de luz, e nutre-se de sol!

A nudez, que debaixo de ceo de Londres se chama miseria, e produz crimes,—debaixo do ceo da Grecia, chama-se formosura, e produz estatuis. Na Grecia, danos Phidias. Em Londres danos o carrasco.

Diogenes dentro de um tonel, na lama de Londres, é inverosimil. Se Alexandre lhe apparecesse não o insultava; roubava-o.

No inverno ha muitos mais crimes que na primavera.

Quando os campos estão floridos, é quando as almas são melhores. A bondade coincide com as rozas. Desabrocham os lirios nas colinas, e fecham-se as invejas nos espiritos. O lar que estava apagado deixa de ter odio ao fogão que estava aceso. O andrajo fraternisa com o veludo. Abril moralisa.

A natureza dos crimes varia com as latitudes.

Quereis saber o que são os crimes de Londres?

Amassae todo o dinheiro do Banco de Inglaterra com toda a imundicie dos ex-gostos, dissolvei uma montanha de gelo n'um oceano de aguardente, esborrachae juzentos lords com duzentos mil mendigos, misturade todo o vinho das docas com todo o sangue dos cutelos, ponde os milhões sobre os andrajos, o oiro sobre o esterco, a noite sobre a neve, e reduzi em seguida tudo isso a uma pasta espumante e tenebrosa, onde haja lirios confundidos com gangrenas, farrapos de arminhos com farrapos de farrapos, gargalhadas com pragas, sebo com geen, hulha com petroleo, notas de banco com craneos esmigalhados, e cofres de diamantes com cascas de lanranjas.

E' da fermentação de tudo isto que nasce uma coisa monstruosa: os crimes de Londres.

Passemos a Napoles. Do que são feitos os seus crimes?

De lava do Vesuvio e de petalas de rosas, de misticismo e de vingança, de Lacryma Christi e de paixão, de amor e

de indolência, de azul e de guitarras, de sol e de beijos!

Em Londres, estrangula-se com uma corda. Em Nápoles, envenena-se com um confeito.

O bandido de Londres serve-se da faca e do machado, armas categoricas, cujo unico fim é rachar lenha ou rachar crânios, cortar ventres ou cortar bifés.

O bandido napolitano, pelo contrario, serve-se da espada e do punhal, verdadeiras obras de arte, que se applicam antes de tudo a ornar o muro de um salão, e só ás vezes, por acaso, a atravessar o peito de um rival.

Benvenuto Cellini esculpturava punhaes; machados, nunca.

Resumindo: Entre os crimes inglezes e os crimes italianos existe esta differença: Oteló é de Veneza, Macheth é de Londres.

Mas, o inverno é cruel! Que antiteses pungentes!

É a época do luxo e da miseria, dos bailes e dos suicidios, do carnaval e da politica.

É o tempo das peliças de quatrocentas libras e dos andrajos dos quatrocentos buracos.

É esta a temperatura que gela o champagne nos banquetes e os miseraveis nas pocilgas.

Enquanto os tísicos soltam o seu ultimo suspiro bruxuleante, com um olhar luminosamente melancolico, de uma tristeza, suavissima, resignada, inefavel,—o chapéo agudo dos *pierrrots* faz tilintar os guizos libertinos entre os nevoeiros espessos das doidas madrugadas carnavalescas.

Nos circos modernos, coliseus de gaz e papelão, rebentam as gargalhadas dos funambulós, os ultimos bobos do ultimo rei do nosso tempo—sua magestade. Todo o Mundo.

Acendem-se os lustres nos salões, e apaga-se o lume nos casebres.

É o tempo da fome, sendo a época dos jantares.

Comem-se trufas em pratos de Saxe, e talos de couve na lama dos exgotos.

Aparece o luxo em toda a sua opulencia, e a miseria em toda a sua hediondez.

O veludo do vicio acotovela o andrajo da virtude, e a caruagem de Crésus atropela a maca de Gilberto.

Os teatros enchem-se, os hospitaes transbordam.

Vendem-se bouquets que custam dez libras, e beijos que custam dez milhoes.

As estrelas dos palcos, cobertas de flores e crivadas de perolas, cantam as arias de Rosini, enquanto os bebédos famintos trauteam as canções aguardentadas no lixo sinistro dos bairros dos gatunos.

Ezibem-se nos camarotes da opera as messalinas tentadoras, ornadas—como os canibaeas—com os despojos dos vencidos. No oiro falso daquellas tranças cae a ruína dos milhoes numa pulverisação de diamantes. Que sorrisos volutuosos, e que colmilhos tentadores! Binoculos que as fitaes á luz do gaz dá nervose irritante dos desejos, cuidado! Aquellas doces e palidas anemias, com os frios dedos aristocraticos, embrulham os seus cigarros numa nota de banco e os seus amantes numa mortalha de hospital.

Ha talvez em Londres, neste momento quinhentos devassos repartindo com as cortezas as ceias de mil francos, e em Pentre-Rhonda ha quinhentas familias repartindo com os porcos as cascas de batatas!

Gela-se de frio sobre a neve, e dança-se os lanceiros nos salões. Estão os mineiros a extrair o oiro, no fundo das minas da Siberia, para ser gasto no fundo das alcovas de Paris.

Morre-se de nudez, morre-se de fome, morre-se de miseria, e o cavalheiro de Faublas rege as orquestras da loucura com a batuta de Offenbach.

Uns matam-se nos duelos, aos tiros, por causa de uma trança, e outros matam-se nos becós, ás facadas, por causa de uma libra!

Meu Deus! Quando eu penso n'estas antinomias pavorosas, nestas desigualdades revoltantes, e me convengo de que são fataes e irremediaveis, convengo-me tambem de que este pobre globo que habitamos é simplesmente o presidio do universo, a penitenciaría do infinito, onde cada um de nós vem cumprir a pena correspondente aos crimes que praticamos n'outros mundos!

É assim que eu explico como os corvos duram cem anos, e a felicidade não dura cem minutos!

A felicidade! Em que consiste esta illusão? No amor? Na saude? Na riqueza? De que serve alcançar todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as tem ha um milhão de homens que as não possuem?

Hade nascer o primeiro venturoso, quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e milionarios sibaritas, que no vosso egoismo vos julgaes inteiramente, completamte felizes, para aumentar ainda a vossa felicidade, dedicovos o seguinte idillio gracioso, escolhido, agora e ao acaso, d'entre os muitos outros que succedem no vosso paraíso terreal:

A praça está deserta. A noite é fria como a neve. E, enquanto as begonias dormem no conforto das estufas, ha ali uma

creatura humana que dorme nas pedras da calçada.

É um mendigo e um ladrão. De dia, pede esmola; á noite, exige-a. Á hora da missa, encontra-se á porta das igrejas e é o mendigo; á hora do crime, encontra-se á esquina das vielas, e é o ladrão.

De dia, traz muletas; á noite, traz navalha.

É uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cau ali como um fardo de miseria, estupidamente, brutaemente, mascando pragas.

D'onde veio esse homem? Da prostituição, do todo anoním. Entrou na vida pelo postigo de uma roda, e hade sair da vida pelo alcapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre, como um sapo de um exgoto. A mãe, quando o deu á luz, não viu o fruto do seu amor; viu a prova do seu crime. Escondeu-o no misterio, como um assassino esconde a sua vitima. E o quê? Seria um príncipe, ou um condenado das galés? É indifferente; em ambos os casos, um bandido.

E, de resto, que lhe importa a ele? É um fruto podre, um fruto do chão. De que arvore caiu? Da mancenilha dos bordeis. Vem do estrume e vae para a forca.

Aos dez anos, conhecia todos os vicios, ignorando todas as virtudes. Na época em que as creanças roubam ninhos, ele roubava relogios. Precocidade. Quando os outros são anjos, já ele era gatuno. Na idade em que se aprende a ler, ele aprendia a assobiar.

Os preconceitos e os crimes procuram os cerebros analfabetos, como os morcegos e os chacaes procuram os subterraneos ás escuras.

Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario do que em todas as constelações do firmamento.

Não teve mãe. Não teve pai, não teve berço. Não teve escola. Germinou como um torulho venenoso. A lama ensanguentada da miseria tem d'estas gerações espontaneas!

Aos quinze anos, deixou de ser gatuno, para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algeibeiras; tirava libras das gavetas. Ao principio, entrava pela porta; depois, chegou a entrar pelo telhado.

Progrediu de tal modo, que na idade em que se recebe na igreja a primeira communhão, ele recebia no tribunal a primeira sentença. Seis anos de cadeia; uma formatura em ladroagem. Quando entrou, levava uma gazuza; quando saiu, trouxe uma navalha. Foi raposa, e veio tigre. A cadeia enguliu um malandro, e vomitou um assassino. Aperfeiçoou-o no roubo, e lecionou-o na facada.

D'ali em diante distribuía o seu tempo d'este modo: tres anos nas galés e tres mezes na taberna. Um assassinato sae muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa, combina-se com o sangue!...

Á bebedeira seguiu-se a indigência, e a indigência o delirium tremens. N'aquele cerebro de perversidade passou um terremoto de loucura.

Por fim, ali o tendes. E amanhã, por estas horas, quem sabe! estará talvez numa guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo de um rio.

O cutelo, a miseria e o suicidio disputam-no entre si. Tres abutres, á espera de um cadaver.

Filantropos sociaes, respondi-me á pergunta que vos faço.

As vossas estatísticas dizem: a instrução diminue a perversão, quer dizer—o alfabeto diminue o crime.

O crime é uma doença da alma, como a pneumonia é uma doença dos pulmões. Para as doenças ha um remedio, e para os envenenamentos ha um antidoto. Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola? O professor hade eliminar o carcereiro. A instrução absorve os miasmas dos espiritos, como os arvoresdos os miasmas dos pantanos.

No homem ha duas coisas: o instinto—que é um cego, e a consciencia—que é um farol.

As consciencias são a sentinela dos insinios. A razão é o domador dos appetites.

Como se faz a segurança? Iluminando as ruas? Não; iluminando os cerebros.

A grilheta castiga o assassino, mas não resuscita o assassinado. Não indememisa; vinga.

Ora muito bem, filantropos sociaes, se as vossas estatísticas, com a exactidão de um termometro, vos declararam que a instrução faz baixar a criminalidade de 40, 30, 20, por cento que seja, se ela vos afirma essa verdade indiscutivel, respondi-me claramente, honradamente, á pergunta que vos faço:

Dentro de uma cadeia ha cem analfabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a soletrar esses cem crimes ficariam reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte?

A sociedade.

Se não admitis esta conclusão, rasgae as estatísticas, se a admitis, como creio, fazei o seguinte:

Ha um jurí instruido para julgar um assassino analfabeto. A sentença deve ser esta:

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pela rua;

Considerando que a ignorancia do assassino concorreu para o assassinato;

Considerando que a miseria do criminoso foi um dos incentivos para o crime:

Condenamos o monstro a ser metido n'uma jaula;

Condenamos o ignorante a ser metido n'uma escola.

E condenamos o vadio a ser metido n'uma officina.

Deem-lhe uma cadeia, um alfabeto, e uma ferramenta.

Mas, considerando, tambem, que, se a sociedade tivesse fornecido um a b c este ignorante e um officio a este mendigo, a soma da estupidez com a miseria não produziria resultado—o crime;

Considerando que a sociedade foi a causa, e que o bandido foi o effeito:

Condenamos a sociedade a que dê instrucção a todas as creanças, trabalho a todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinatos do que a regenerar os assassinos.

Guerra Junqueiro.

Centro Republicano Democratico de Faro

Afim de eleger os seus novos corpos gerentes e constante estava anunciado, realizou-se hoptem a Assembléa Geral desta prestante colectividade politica.

A reunião, que esteve concorridissima, presidiu o sr. Lyster Franco, secretario dos srs. Ventura Vilhena e Raul Calazans Duarte.

Antes de se entrar na ordem dos trabalhos, o sr. presidente fez algumas considerações acerca da alta significação do ato que ia realizar-se, pedindo á Assembléa que se pronunciasse de fórma a eleger para os corpos gerentes do Centro cidadãos que, pela sua cultura, dignidade e posição social, lhe pudessem valorisar a acção. Sobre o mesmo assunto usaram da palavra os srs. Francisco Penha e Francisco Antonio Freire.

Sob proposta do sr. João Gonçalves Correia Telo, aprovada por aclamação, foi dirigido ao illustre estadista sr. dr. Afonso Costa, o seguinte telegrama:

Dr. Afonso Costa, Presidente do Conselho de Ministros. LISBOA

O Centro Republicano Democratico de Faro, sauda calorosamente V. Ex.ª pela constituição do ministério de ua illustre presidencia e congratula-se com o paiz por ver os selos do Estado confiados ao Partido Republicano Portuguez.

O Vice Presidente da Assembléa Geral, Lyster Franco.

Seguidamente o sr. presidente leu á Assembléa uma circular do Directorio, acerca da qual fez umas ligeiras considerações, terminando por despedir-se na sua qualidade de vice presidente, e agradecendo á Assembléa o valioso concurso e especial deferencia que sempre lhe dispensou.

Procedeu-se em seguida ás votações, que deram o seguinte resultado:

Assemblea Geral

Presidente—Dr. José Vicente Madeira

Vice-presidente—Dr. João da Silva Nobre.

1.º Secretario—Ernesto Mata Branco.

2.º Secretario—José Teixeira Rosa.

Comissão executiva

Efetivos

Dr. Candido Emilio de Sousa, Carlos Augusto Lyster Franco, Eduardo Augusto Marques, Manuel de Sousa Coutinho e Ventura Coelho Vilhena.

Substitutos

Antonio Caetano dos Reis, Augusto Verissimo de Sousa, Francisco dos Reis Marreiros, João Rosa de Carvalho e Romão Infante da Mota Sequeira Soares.

Conselho Fiscal

Efetivos

Afonso Pereira Assis, Felix das Dores Prazeres e Dr. João Pedro de Sousa.

Substitutos

Anibal dos Santos, Arthur Candido e José Gonçalves Bandeira.

Serviram de escrutinadores os srs. Afonso Pereira Assis e José da Encarnação Vieira Junior.

Os trabalhos, que decorreram na me lhor ordem, terminaram alta madrugada.

POR ESSE ALGARVE

Almanoil

Por seu pae, foi pedida em casamento para o nosso estimavel amigo João Bota Valeiro, a sr.ª D. Beatriz Martins Ralheta, preadada filha do sr. Manuel Martins Ralheta, importante proprietario d'esta terra.

Tivemos o prazer de ver aqui os nossos prestimosos correligionarios de Santa Barbara de Nexe, José da Encarnação Vieira Antonio Guerreiro da Angela, José Vicente de Brito, Jeronimo Justo e Joaquim Pinto Junior, que vieram dar uma recita, com as comédias, *Das tres ás cinco* e um namoro engraçado, eram engraçadissimas.

Tiveram uma enchente razoavel e todos os assistentes ficaram bem impressionadas.

Oxalá que para o Carnaval os nossos amigos e vizinhos queiram visitar-nos novamente pois que a ditto almanoilense se prepara para um baile em forma!

—A noticia da subida do sr. dr. Afonso

SAPATARIA DA MODA

DE

José Vicente dos Santos

Grandioso sortimento de calçado em todos os generos e qualidades, e demais artigos respeitantes á sua arte

Modelos chics de inexcédível bom gosto. Suprema elegancia e barateza Esmerada confeção e bom acabamento

Rua do Santo Antonio, 48, 48, A.

FARO

Costa ao poder foi aqui entusiasticamente recebida.

Estoi

Desperliou o maior entusiasmo a noticia da constituição do gabinete presidido pelo illustre estadista dr. Afonso Costa, a quem teem sido enviadas muitas saudações.

—Esteve concorridissimo o ultimo mercado d'esta freguezia, realisanlo-se importantes transações de gado.

—De visita ao seu respeitavel amigo, sr. Francisco de Paula Mendonça e familia, vimos aqui, no domingo, acompanhado por sua esposa e filho, o sr Lyster Franco, digno diretor da Escola Industrial de Faro e illustre redator do *Heraldo*.

Consta-nos que o conceituado artista, acompanhado por sua familia e pelas sr.ªs D. Maria das Dores de Paula Mendonça e D. Maria da Piedade Mendonça Coelho, visitou os arredores d'esta pitorresca povoação, que tantas vezes lhe tem fornecido assunto para os seus magnificos quadros, tencionando visitar brevemente o sitio das *Azenhas* onde tencionava procurar motivo para novos trabalhos.

Lagos

Causou geral contentamento, o ter sido encarregado de organizar ministerio, o illustre estadista dr. Afonso Costa, que em cada habitante desta cidade, verdadeiro baluarte republicano democratico, conta um correligionario e um amigo sincero.

Dissipou-se, enfim, a nuvem negra, que ha dias nos ameaçava tempestade, devido por certo ás preces feitas nelleas *almas sãs e humildes servidores da igreja*. Taes senhores de certo não se recordam, que desde que o illustre parlamentar dr. Afonso Costa redigiu a Lei da Separação da Igreja do Estado, anda o mundo *da igreja* ao contrario segundo eles dizem, e por tanto se pediram erraram! Não deviam ter perdido, para serem servidos. Aguentem-se no balanço e esperem por mais algum tempo pelo Messias que os ha de anistiar.

—Aguarda ha já alguns dias o leito o nosso amigo Francisco de Jesus Gomes, administrador deste conselho.

—Foi promovido a capitão para o ultramar, o nosso amigo e correligionario sr. Arthur Rodrigues de Oliveira, tenente de infantaria 33, os nossos parabens.

—Já se inaugurou nesta cidade o baile de mascaradas das *Escramalhas*, inaugurando-se no dia 10 do *Hipodromo* e no dia 19, o *Virgula* dando, o grupo organisador d'este ultimo, um espectáculo no dia 11 do corrente no teatro Gil Vicente d'esta cidade.

Os comerciantes desta cidade (merceiros) reuciram na associação Commercial para protestarem contra o aumento de 50% nas avencas do toucinho e arroz, nada resolvendo, por não terem chegado a um accordo.

—Apresentou-se no regimento de infantaria 33, para tomar parte numa escola de recrutas, o tenente da Guarda Fiscal, comandante da secção de Portimão, sr. Ernesto Borges Bicudo.

—No dia 12 começou nesta cidade a instrução militar preparatoria, para todos os mancebos, que completaram 17 anos até ao dia 31 de dezembro proximo findo.

—Foi julgado incapaz de todo o serviço o capitão sr. Alfredo Cesar Lopes de Mascarenhas.

—Esteve alguns dias nesta cidade, dando 3 espectáculos no salão animatographico Simões & Comp.ª, a distinta cantora Lidia Fleur, que foi muito aplaudida com palmas e *pateada* costume já antigo de alguns espectadores menos escrupulosos, ou talvez inconscientes que sem sombra de offensa, aplaudem com os *pés*, e muitas vezes tambem com o seu assobio muito forte!

Muito bem, srs. empregarios; contrateem sempre artistas como Lidia Fleur, e verão como tem sempre enchentes, e que não os chamaremos mais á ordem. Ainda bem que nos entenderam.

Odeleito

Foi aqui recebida, com geral agrado, a noticia da subida do dr. Afonso Costa ao poder. Será caso para felicitar o nosso amigo sacristão, a quem o sr. *rinchador* tinha afirmado que só receberia a pensão com o evolucionismo? Ou será, como nós julgamos, certo que a receberá com qualquer governo se for de justiça conceder-lha?

Neste momento ouve-se o estrear de foguetes em sinal de regosijo.

—A chuva tem continuado a cair com geral agrado dos agriculores. Parece que este ano não será tão *talassa*. Valha-nos isso.

NOTICIARIO

Partiu para Lisboa o sr. João Batista de Barros, 1.º tenente da marinha.

—Deu-nos o prazer da sua visita n'esta redação, o nosso amigo e correligionario sr. Joaquim Fernandes Cavaleiro, de Olhão.

—Regressou de Lisboa o sr. João Batista da Graça.

—Partiu para Coimbra o sr. Arnaldo Filipe Alexandre, empregado telegrafo-postal.

—Partiu para Lisboa o sr. Ayres Ferreira de Sousa, capitão-tenente da armada.

—Encontra-se em Faro o sr. dr. Celorico Gil.

—Esteve em Faro o nosso prezado correligionario sr. José de Sousa Careto, de Loulé.

—Partiu para Lisboa o sr. João Rosa Beatriz.

—Afim de conferenciar com os srs. dr. João Pedro de Sousa e Lyster Franco, veio a Faro o nosso prezado assinante sr. Manuel Centeno de Passos, importante influente politico de Gíões e antigo republicano.

—Partiu para Lisboa o sr. João Viegas Calçada, nosso estimavel correligionario de S. Braz de Alportel.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, quinta-feira — D. Laura Pego, D. Hermínia dos Martires Carvalho, D. Rosa da Silva Lucio, D. Maria Carlota Marreiros Palma, D. Lucinda Trindade Rodrigues, Augusto Viegas Baltarou, Joaquim Alfredo Lopes, José Maria Luciano, Manuel Joaquim Faleiro, Jaime Vaz Velho da Palma e o menino Joaquim Pedro da Silva.

Sexta feira, 17 — D. Maria do Carmo Travassos, D. Antonia da Silva Alves, D. Maria das Dores Carvalho, D. Isaura da Silva Brito, D. Mafalda Vaz Velho da Palma, Jo-quin José Alves, Antonio do Carmo Dias, Joaquim José Pimenta, Alfredo de Sousa Albino, Augusto Antonio Teixeira, Joaquim da Silva Batista e Pedro Apolinario Dias.

Sabado, 18 — D. Maria da Costa Fulgencio, D. Ana Augusta Martins, D. Isabel da Silva Montes, D. Amelia da Trindade Rosado, João Francisco Pacheco, Afonso Manuel da Silva, José Antonio Felisberto, João Augusto Moreira, Mariano da Costa Pereira e o menino Alfredo do Carmo Ferreira.

Casamentos:

Realizou-se em Lagos o casamento do nosso estimavel amigo e prestante correligionario, sr. dr. João de Brito Farrajola, com a sr.ª D. Maria Julia Areias Cristina, distinta dama da elite lagoense.

Dessejamos aos noivos um venturoso porvir.

Nascimentos:

Com muita felicidade, deu á luz no dia 2 do corrente, uma interessante menina, a sr.ª D. Adelinha de Sousa Gaviães, esposa do nosso prezado assinante sr. J. Gaviães Puente. As nossas felicitações.

Doentes:

Com um forte ataque de reumatismo, tem estado doente o nosso prezado amigo sr. José Joaquim Pares, digno escriptivo-notario d'esta comarca.

—Está felicissimamente melhor o nosso prezado amigo sr. dr. Diogo Marreiros Neto, distinto advogado nos auditorios da comarca de Loulé.

Necrologia:

Faleceu em Braga o proprietario sr. José Dias Barbosa, sogro do nosso querido director, sr. Lyster Franco.

—Faleceu hontem n'esta cidade o sr. Luiz Primo da Costa Guimarães.

Os nossos pezaes ás familias enlutadas.

CASAS

Vende-se um predio de casas em S. Braz de Alportel, situado nas Quatro Estradas. Quem pretender deve dirigir-se á travessa do Capitão Mór, n.º 11, Faro.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

Vinhas, vinhos e prados

A. VENANCIO PACHECO

Br. 600 reis.

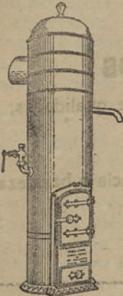
LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

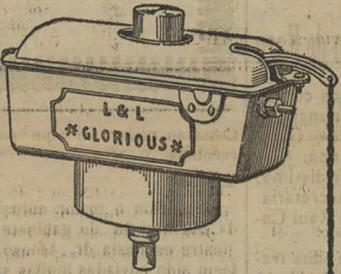
Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA



A ROUPA QUE VESTE A
HUMANIDADE
FOI COSIDA COM A
MACHINA
SINGER



A SUPREMACIA DA MACHINA SINGER

tem sido sustentada e augmentada durante quarenta annos e na actualidade passam de

DOIS MILHÕES DE MACHINAS SINGER as que se fabricam e vendem annualmente

A ULTIMA CREAÇÃO EM MACHINAS PARA COSER

SINGER "66,"

QUE REPRESENTA O RESULTADO DOS CONSTANTES ESFORÇOS EMPREGADOS DURANTE CINCOENTA ANNOS PARA MELHORAR AS MACHINAS PARA COSER, REUNINDO-LHES QUANTOS APERFEIÇOAMENTOS PODEM SER DE UTILIDADE PRATICA



Estabelecimentos SINGER

em todas as cidades do

o mundo



RUA D. FRANCISCO GOMES, 33 FARO

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

- Seguros contra fogo
- Seguros maritimos
- Seguros de cristais
- Seguros contra roubos
- Seguros postaes
- Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Ruã do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO
PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINEIRA

RUA DA PADARIA, 52 53 — LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 rs. Camas a 200 e 300 rs

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLÓGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almagão, etc., também por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)
Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 12440 réis; Provincias, 12500 réis
avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 12700 réis.
Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

Revista literaria e scientifica de que é Director
MARQUES ABREU
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO
ARTE

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBO
SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES
FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44
FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitales e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)
AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERM (Espido)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

É um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — A saude das creanças.

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que dão os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despezas esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois neste caso regula por 1060 réis.
Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circunstancia da redução da despezas resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO
TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo sistema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens espezias em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, emfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examina-se a cor no ato da entrega e se distinguir, restitui-se a importancia.— Preço para luto em 48 horas

RUA CASTILHO, 53-A -- FARO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA